

A ESCOLA/ PALCO DA VIDA

MARIA DE FÁTIMA VINHA BORGES*

*"L'ordre de la société n'est pas un ordre fatal.
C'est un ordre artificiel que je peux rompre. Non pas pour
dire des choses nouvelles, mais simplement en vue d'arranger
autrement des fragments que j'aurais disséminés pour constituer
ma propre parole, que j'aurais déplacés afin de me mettre, moi,
à la place de ce monde qui m'opprime"*

Alain Roble-Grillet, in *Le Français dans le Monde*

Por vezes, o supérfluo torna-se o obsecante, o irrespirável. Há então necessidade de acompanhar o rasgar da censura, da auto-censura, com instrumentos mais nobres e simples - a tesoura e o tecido - cortar até ficar o essencial. E o essencial é o nosso íntimo, enquanto indivíduos, enquanto vivificações de mil fases, entre as quais a da nossa relação com o todo - com todos.

Quem ao deitar a semente, sabe o resultado da sementeira? Para isso factores, todos, aí contribuem, mas no silêncio do nosso ser incompreendido, um gesto resta. Temos assim feito em plenitude: o dar, o servir, o rejeitar o profano proveito, é a prática da vida, seja ela como for. Somos pequenos mas infinitos: pequenos enquanto forma, infinitos enquanto participantes activos do plano em que nos

irmanamos, com cada pequena célula. mineral, animal, vegetal ou ideal das mil e uma coisas. É essa a nossa vida enquanto guerreiros da paz. Para o momento que é o passado, o presente e o futuro sem tempo, que cada gesto seja nosso em alegria, em dávida, em expressão e em desligar do proveito, daí resultante pois o fazer é o proveito de fazer.

Lindas cores nos mostra o pôr-do-sol - e são só cores. Perder-se é sentir a multiplicidade e a riqueza do viver, uma sinfonia interminável que nós escutamos e criamos. Os outros, são aquilo que com eles somos: a água é o que o oxigénio e o hidrogénio são na justa proporção, amar é sentir/receber da vida e oferecer para a vida... de quem? para quem? e para quê? Talvez aí resida aquilo a que chamamos o "EU"

A procura do "EU" é esse percurso interminável, esse caminho que nos conduz ao outro, que nos leva a sentir nos outros parte de nós ou a transmitir aos outros bocados de nós.

Nós somos muitos e cada um de "nós" desempenha um papel na sociedade - no mundo - no cosmos. Somos pais/somos/filhos; somos alunos/somos professores - somos actores/somos espectadores.

Magicamente o sol nasce e a vida acontece, somos seres mágicos e obreiros diários de ingénuas "práticas mágicas" quer disso tenhamos consciência ou não. Segundo Piaget (todos nós passamos por fases de crescimento seguidas) de outras de eclipse, à semelhança do que sucede com uma mesma roseira em que a flor rebenta, desabrocha, estiola e acaba por se desfolhar. A árvore apesar disso, não está morta, não obstante o seu aspecto hibernar. Só está à espera de que chegue a Primavera, para recuperar a beleza perdida, qual livro esquecido, qual criança em fase de aprendizagem.

No grande palco da Natureza, o milagre cíclico do nascimento acontece: no imaginário de todos nós, esse acto é constante. Por vezes, esse espaço irreal é como um rio, que de gota a gota de água, vai tomando força, até desaguar, com a ajuda de uma "pena", na folha de papel e, ficando tal como a árvore, à espera da Primavera/Espectáculo Vivo.

Nascer é o feito dos outros, dos nossos pais ou do autor. Somos gerados no ventre de uma mulher como a personagem o é dentro do actor, a nossa magia e a da personagem, é depois do actor de nascer, conseguimos ser aquilo a que o sonho nos conduz.

Ao caminharmos Homens/Actores, vivemos e representamos os nossos papéis; papéis adquiridos/papéis atribuídos.

Mas quem nos irá ajudar, a crescer e a viver o futuro, onde jaz a esperança, oval semente que cai e na terra permanece?

Das brumas do amanhecer, envolto num manto, quase feiticeiro, descendo por um raio de luz, surge o professor/encenador, numa mão, traz o passado, na outra, a passagem para o futuro, e num gesto mágico, vai guiando o aluno/actor facilitando-lhe o encontro com a aprendizagem e com a personagem. Nesse caminho de procura, onde a existência é e o ser se constrói, o aluno/actor (con)fundem-se e distinguem-se, quais gotas de água de volta ao Todo - Sociedade - Mundo - Cosmos; o aluno é actor e o actor é aluno - um vê o outro e vê-se a vê-lo e vendo-o constrói-o. Nesta queda vertiginosa do Eu dá-se o raiar da nova aurora que se vai definindo.

No primeiro encontro, quando o olhar de um cruza o olhar do outro, adivinha-se a esperança, o professor/encenador irá ser o guia, o aluno/actor, procura-o ardentemente, tentando desembaraçar-se do véu das brumas.

No arbusto que rejuvenesce, o jardineiro - professor/encenador - adivinha já as flores que irão brotar na próxima Primavera. Este contacto é então estabelecido com base na sinceridade de emoções, de sentimentos e dentro das circunstâncias. O professor/encenador não deve esquecer, que os caminhos da vida são como o célebre labirinto de Creta, no centro do qual se encontrava a Acha Sagrada que representava o Supremo. Para se alcançar esta mesma Acha, era preciso vencer os obstáculos e encontrar o percurso certo. Para isto, era muitas vezes necessário alterar o rumo da viagem e até mesmo voltar atrás, recomeçar de novo, para que os momentos não fossem sempre iguais, e se pudesse encontrar uma diferença de valores, na repetição dos actos. Repetição que sendo uma lei Universal, se manifesta na mudança e na variação de valores, porque é a partir da "mimésis", que se

revela o progresso e a transformação. O professor/encenador deverá ainda, ter consciência, de que sem liberdade não pode haver auto-realização. Mas a liberdade absoluta não existe. É apenas relativa. Em proporcionalidade directa com a transformação natural de cada Homem.

Nesta caminhada o professor/encenador irá ajudar o aluno/actor a pensar, lutar, sentir e a agir em comunhão com o seu íntimo para que se possa tornar um ser activo e autónomo na sociedade em que vive, da mesma forma que o actor deve sentir a personagem, emprestando-lhe a alma. Só assim a aprendizagem é autêntica, justa e coerente.

Na escola/palco - aprendizagem, deve-se estar sempre em acção, física ou espiritualmente. É preciso que todo o acto tenha um objectivo. Toda a acção na escola/palco - aprendizagem deve ter uma justificação interior, lógica, coerente e verdadeira. A palavra "se" age como uma alavanca, para nos fazer passar do mundo real ao domínio da imaginação e do desejo - à autonomia do sujeito como ser pensante, a finalidade é gerar o "SER" Não se trata de mudar o Homem mas de lhe proporcionar o gosto de se realizar. A sinceridade das emoções, dos sentimentos, dentro das circunstâncias, é o que se pede.

Na vida, o aluno/actor não se destina a uma redoma, e é para a integração social que o professor/encenador o deve guiar e todas as variáveis devem ser postas nos pratos da balança da aprendizagem. Ao aluno/actor deverá ser transmitida a forma de dirigir e de dominar o seu querer e de o submeter aos problemas do seu próprio espírito. Habituar-se a lutar voluntariamente contra a passividade e a inércia da sua imaginação.

O seu "EU" tem sede, quer chegar, mas não se deve esquecer que qualquer tipo de escalada, seja ela qual for, só é possível passo-a-passo. É neste momen-

to da vida do aluno/actor que interfere a mão do professor/encenador. Se bem que seja o educando a desbravar o caminho, não será, contudo, ele a "ter a iniciativa". O professor/encenador, conhecedor do aprendiz como um caso individual vai delinear as suas necessidades e vai simultaneamente, orientá-lo para a consecução das mesmas. Ou seja, não se poderá dizer que será o professor/encenador a propor qualquer assunto. Este limitar-se-á a perscrutar o indivíduo e a presentificar nele a responsabilidade do seu aprender.

Assim, este fenómeno dar-se-á por fases: primeiro o professor/encenador terá de planificar. Tudo tem uma sequência e um objectivo, no centro de cada sequência encontra-se um objectivo, cada objectivo constitui uma parte orgânica da sequência, ou, inversamente provoca o aparecimento da sequência. O objectivo é o farol que nos guia. Não se exprime o sentido do objectivo com um nome, isso faz-se para a sequência, o objectivo exige sempre um verbo. Cada objectivo deve ter em si uma fonte de acção.

Há duas espécies de verdade e de fé nos nossos actos: o primeiro que nasce automaticamente, o segundo, igualmente verdadeiro, mas que tem origem no plano da aprendizagem adquirida, e que é resultado da vivência com o Todo.

Na vida real a verdade é o que existe realmente, o que é conhecido, ao passo que no palco ela é feita de coisas que não existem realmente, mas que poderiam acontecer. Por isso, para se justificar o papel temos de transmitir a essência do verdadeiro, fazer crer no verosímil dos nossos sentidos. A verdade é tudo aquilo em que cremos com sinceridade, quer seja nosso quer seja dos outros. Este valor não pode ser separado da fé ou vice-versa. Não podem existir um sem o outro e sem eles o aluno/actor é incapaz de viver o seu papel e de o criar. O sentido do verdadeiro supõe igualmente o sentido do falso. Mas é impossível dominar o conjun-

to em simultâneo. É preciso dividi-lo e assimilar separadamente cada parte. Para chegar à verdade essencial de cada uma e nela poder acreditar é preciso seguir o mesmo caminho que na escolha das sequências e objectivos. Se não somos capazes de acreditar no conjunto de uma acção, dividimo-la em parcelas cada vez mais pequenas, até que ela se nos torne acessível. Há aquele que vive verdadeiramente e o que se esconde por detrás de truques habilidosos como alguém que pretende vender a sua mercadoria. É o nosso sentido de verdadeiro que de acordo com a fé que temos nos nossos actos, impedirá que nos percamos numa má direcção. Parecer é diferente de ser. Devemos procurar a verdade, não nos contentarmos com as aparências. Devemos esgotar todas as aparências do ser para podermos SER. Nunca nos devemos contentar a jogar a ser outro perante um conjunto de pessoas que jogam a tornar-nos por aquele outro. O sentido do verdadeiro deve impregnar tudo o que o professor/encenador e o aluno/actor fazem, cada um dos nossos actos físicos ou espirituais deve visar esse objectivo, evitar tudo o que está acima das nossas forças e, sobretudo, o que vai contra a Natureza, a lógica e o senso comum. Daí nasce a violência, o exagero e as mentiras, se elas ganharem terreno o sentido do verdadeiro será atingido. Devemos limpar de nós toda a tendência para o exagero. Embora a mentira seja o único processo para convencer os outros de que somos como eles nos querem. O que deve interessar ao outro, é o que se passa em nós, a nossa vida interior adaptada ao papel, pois toda a exteriorização é convencional e sem interesse senão tiver uma razão interior. Postic (1984) afirma mesmo que "Qualquer opção educativa é um acto de fé em valores e, por isso suscita o desejo de transformar outrem."

Se queremos realmente captar a atenção do outro, devemos fazer todos os esforços para manter uma troca contínua de sentimentos, pensamentos e acções cujo conteúdo interior deverá ter interes-

se. Manter o contacto mesmo durante o silêncio, exige uma troca mútua e constante. Todavia devemos-nos adaptar uns aos outros, uma vez que existem diferentes meios de adaptação, pois cada um possui as suas qualidades próprias. O processo de adaptação varia igualmente com as circunstâncias, o ambiente, o lugar, o tempo. A nossa reacção não será a mesma se estivermos sós de dia ou de noite, todo o sentimento que exprimimos necessita de uma certa adaptação quase imperceptível e que pode efectuar-se consciente ou inconscientemente.

O mistério da vida é infinito, como é infinito o véu que tecemos. Abrimos caminhos por entre a bruma, o olhar alado e a alma a vela.

Ser professor/encenador e ao mesmo tempo ser aluno/actor! Ser alegria e ser dor!...

Quisera eu ter um cavalo, branco, alado, para me levar para longe, onde tudo acontece, como o deseja a minha imaginação, mas o fio de Ariana prende-me à terra! A realidade não é bem assim! Quisera dar-me!... mas a magia, por vezes, não é mágica e... a realidade do mundo - sociedade - escola é outra e, o meu sonho não me dá o dom de "adivinhar" o que os alunos sentem. Por vezes uma palavra ou um olhar, ou um sorriso, ou um gesto, seria suficiente mas eles são tantos!... E eu sou só uma!... Como manter contacto com todos eles? Tento hoje um, amanhã outro, depois, depois chamo a "outra" aquela que gosta de teatro. Em pequenos bandos, a medo, de mansinho, eles aproximam-se: hoje poucos, mas muito menos que amanhã.

No teatro, na escola, na vida, entrego-me e paro e pergunto-me - Valeu a pena?

Quero depositar sementes de vontade na vida do outro, para que um dia em

prodigiosa messe elas germinem, mas o outro sem saber vai lavrando em mim o seu estigma de vida...

A realidade é, essa medonha, admirável e implacável força sem rosto, essa potência nua, sem medo, sem emoção sem apego de onde irradia uma espécie de glória fria e humana.

Do sonho à realidade corre de leve a vida, o murmúrio do regato. Fica, no entanto, a absoluta certeza do existir, quaisquer que sejam as condições da existência, o que importa é participar nessa existência. SER É PARTICIPAR! Participar é construir-se, construindo os outros como seres autônomos, em harmonia com o todo que os cerca.

BIBLIOGRAFIA

DEMARCY, Richard; *Eléments d'une Sociologie du Spectacle*, Union Générale d'Éditions, Paris, 1973.

DUBOIS, Claude-Gilbert; *Le Baroque profondeurs de l'apparence, dernière édition*, Librairie Larousse, Paris, Mars, 1973.

ELIADE, Mircea; *O Mito do Eterno Retorno*, Edições 70, Lisboa, Julho-84.

POSTIC, Marcel; *A Relação Pedagógica*, Coimbra Editora, Limitada, Lisboa, 1984.

POSTIC, Marcel; *A Relação Pedagógica*, Coimbra Editora, Limitada, Lisboa, 1984.

RYNGAERT, Jean-Pierre; *O Jogo Dramático no Meio Escolar*, Centelha, Coimbra, 1981.

SANTOS, M. E. Brederode; *Os Aprendizes de Pigmeleão*, Lisboa, 1985.

J.M.CARE et C.RICHARD, "Jouer, Improviser", in *Le Français Dans Le Monde*.

VIELMAS, Michèle, "Jeux de Plume", in *Le Français Dans Le Monde*.

Divulga



LER
educação

HÁ MEIO SÉCULO

1941 - 1991



NA RUA DO CARMO, 70 1 200 LISBOA

**INICIOU A SUA ACTIVIDADE
COM UM PROPÓSITO BEM DEFINIDO**

E QUE MANTÉM:

SERVIR O LIVRO

E O LEITOR